



ESTADO DE SANTA CATARINA
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO – site: <http://www.sed.sc.gov.br>
ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO - e-mail: imprensa@sed.sc.gov.br; Contato: 3221 6161

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO

CLIPPING
24/04/2012



Veículo:	Notícias do Dia	
Editoria:	Editorial	Data: 24/4/2012
Assunto:	Um movimento enfraquecido	Pág: 6

EDITORIAL

Um movimento enfraquecido

Como era de esperar, a greve dos professores estaduais não está encontrando, este ano, o apoio que obteve em 2011. Uma das razões é mais do que óbvia: ao conceder generoso reajuste às faixas inferiores da carreira, cumprindo a lei vigente, o governo dividiu a categoria, colocando em frentes opostas os que ganharam muito com o pagamento do piso nacional e os que ganharam pouco, ou quase nada, por conta do achatamento salarial.

Outra variante fundamental foi o desgaste da paralisação anterior, pois os professores deram

suas últimas aulas na primeira semana de janeiro, abrindo mão de parte das férias por causa da reposição compulsória. Esse fato pesou na decisão da semana passada, quando se viu uma classe dividida entre o repúdio à política oficial e o temor de entrar numa espiral de retaliações que desgastaria todos os envolvidos.

É possível que a nova greve persista em alguns municípios do Estado e que seja praticamente nula na maioria das regiões, porque o governo já deixou claro que avançou até onde pode nas negociações. Além disso, não é ape-

nas o secretário da Educação e seus colaboradores diretos que pensam no bem dos alunos e seus pais. Muitos professores também agem na melhor das intenções, e só entraram no movimento de 2011 porque se sentiram prejudicados pela política adotada na ocasião.

O mais recomendado, neste momento, é manter as atividades letivas normais e tentar um reequilíbrio funcional no médio prazo. Até o governo admite essa possibilidade, por saber que não pode obter grandes resultados na educação com professores insatisfeitos.



Veículo:	Diário Catarinense	
Editoria:	Geral	Data: 24/4/2012
Assunto:	Começou a guerra dos números	Pág: 25

GREVE DO MAGISTÉRIO Começou a guerra dos números

Índice de adesão à paralisação no primeiro dia já é motivo de discórdia entre governo do Estado e sindicato de professores

JULIA ANTUNES LORENÇO *

Os números de adesão à greve dos professores da rede estadual, que começou ontem, são conflitantes. A Secretaria de Estado da Educação fala em 2,75% de docentes em greve – ou 1,1 mil de 40 mil. Por isso, o pedido é que os pais sigam enviando os filhos à aula. Já o Sindicato dos Trabalhadores em Educação (Sinte) garantiu que pelo menos 40% paralisaram as atividades, e que este número deve chegar a 50% até amanhã.

O levantamento da secretaria foi feito com informações repassadas pelas 36 gerências regionais de educação. Destas, 13 tiveram todas as escolas funcionando, como a de Blumenau. A paralisação atingiu 17 mil alunos, dos 640 mil da rede. Em 56 colégios, as aulas foram suspensas por causa do conselho de classe. Apenas uma escola teria parado totalmente, a José Boiteux, na Capital. Apesar desta informação, a escola Aníbal Nunes Pires, visitada ontem pelo DC, passou o dia sem aulas, pela ausência de professores e alunos.

Diante da baixa adesão, o secretário de Educação, Eduardo Deschamps, pediu aos pais que enviem os filhos para a escolas:

– Hoje tivemos muitos casos em que os professores estavam em sala de aula, mas os alunos não foram. Os pais devem seguir a orientação oficial dos diretores dos colégios – ressaltou.

Foi o caso da Aderbal Ramos da Silva, também na Capital. Segundo a direção, a maioria dos docentes trabalhou, mas os alunos não foram.

O secretário prefere aguardar para avaliar se a tendência da adesão é aumentar ou diminuir.

– Os números só reforçam a ideia de que a opção pela greve foi uma decisão da minoria, que preferiu interromper as negociações. Só voltaremos a negociar quando os professores retornarem para a sala de aula – reafirmou.

Diante do impasse, a última proposta do governo, que alteraria o plano de carreira dos docentes, não seguirá para votação no Legislativo.

A coordenadora do Sinte, Alvet Bedin, afirmou que, num levantamento parcial, pelo menos 40% dos professores pararam. Os dados ainda estavam sendo levantados, porque, segundo ela, muitas re-

gionais enviarão os números hoje.

– As 20 assembleias regionais que fizemos tiveram ampla participação dos professores. Até quarta-feira devemos chegar a 50% de adesão.

Em 2011, o Sinte falou em 90% de adesão logo no primeiro dia de paralisação. Para Alvet, esta diferença já era esperada. Ela explica que essa greve será construída, e que aos poucos os professores vão aderir. Entre as regionais de maior adesão ela destaca Chapecó, Criciúma e Florianópolis.

No maior colégio de SC, o Instituto Estadual de Educação, na Capital, 3,5 mil estudantes de anos finais dos ensinos fundamental e médio ficaram sem aulas. Nas séries iniciais, aulas normais.

Os colégios Edith Gama Ramos e Pero Vaz do Caminha, também em Florianópolis, estavam com todos os professores em sala. Em São José, a escola Cecília Rosa Lopes, que atende 800 alunos também estava funcionando normalmente.

julia.antunes@diario.com.br

*Colaboraram Darci Debona Mariana Pereira e Pablo Gome

Assembleia marca início em Joinville

Joinville

Uma assembleia, na manhã de ontem, deflagrou oficialmente o início da greve em Joinville. Mas a Gerência Regional de Educação (Gered) garante que nenhum aluno ficará sem aula e os estudantes devem ir à escola normalmente hoje.

– Apenas 43 professores, de 17 das 67 escolas da rede, aderiram à greve – afirmou a gerente regional de educação, Heliete Steingraber.

Mas a diretora de Finanças do Sinte regional, Valéria Nunes, garante que a adesão é maior.

– Este é o número de grevistas presentes na assembleia pela manhã, mas, à tarde, outros professores aderiram à paralisação – rebateu.

Conselho de classe esvazia as escolas

Lages

As 46 escolas estaduais dos 12 municípios de abrangência da Gerência Regional de Educação (Gered) de Lages não tiveram aulas ontem e muitas não terão também hoje. O motivo não é a greve, mas o conselho de classe, no qual os professores fecham as notas dos alunos.

Segundo a Gered, dos 1,6 mil professores da região, apenas 16 (1% do total), de duas escolas de Lages, aderiram à greve ontem.

O Sinte não confirmou o número, mas admitiu não ter a informação precisa e que o movimento grevista será construído aos poucos. Uma assembleia regional está marcada para hoje, em Lages.

Estimativa de 20% de adesão no Oeste

Chapecó

O Sinte estima em pelo menos 20% a adesão dos professores à greve na região Oeste. Já a Gerência Regional de Educação (Gered) afirmou que apenas 7,7% dos professores não estavam em sala de aula, na tarde de ontem, nas 40 escolas dos nove municípios abrangidos. A orientação do Gered é que os pais mandem os alunos às aulas.

Ontem foram realizadas as assembleias em 3 regionais para definir os representantes do comando de greve. Em Chapecó, de acordo com Sinte, 250 professores participaram do ato. Hoje está prevista uma manifestação a partir das 8h30min, na Praça Coronel Bertaso.



Veículo:	Notícias do Dia	
Editoria:	Cidade	Data: 24/4/2012
Assunto:	Greve registra baixa adesão	Pág: 4

Greve registra baixa adesão

Professores. Governo diz que só 2,75% pararam no primeiro dia do movimento

FLORIANÓPOLIS — Governo do Estado e Sinte-SC (Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Santa Catarina) divergem quanto à adesão no primeiro dia da greve dos professores da rede pública no Estado. O secretário de Estado da Educação, Eduardo Deschamps, revelou, no fim da tarde de ontem, que, de acordo com levantamento feito nas gerências regionais de educação, apenas 2,75% (1,1 mil dos 40 mil profissionais) paralisaram as atividades. Mas o Sinte-SC garantiu que, na regional de Florianópolis - que engloba a Capital, Governador Celso Ramos e Antônio Carlos - a adesão chegou a 60%.

De acordo com Deschamps, 100 escolas ficaram parcialmente paralisadas. Outras 56, grande parte delas situadas na regional de Lages, estavam com conselho de classe já marcado no calendário e, por esse motivo, não tiveram aulas. Três instituições não funcionaram no período da manhã, mas, à tarde, apenas a Escola de Educação Básica José Boiteux, no Estreito, estava completamente sem aulas.

A secretaria acredita que a greve atingiu 17 mil do total de 640 mil alunos do Estado. “Nós já esperávamos a baixa adesão. A maioria das escolas que teve problemas nas aulas foi porque os alunos não foram. Reforçamos que os pais têm que levar seus filhos para as aulas”, afirmou Deschamps. O secretário disse que as negociações com os professores permanecem paradas, até o fim da greve, e garantiu que não vai encaminhar nenhuma proposta para a Assembleia Legislativa até que os profissionais voltem para as salas de aula.

Apesar dos dados apresentados pelo governo, o Sinte está confiante e espera que a adesão cresça para 50% até amanhã. De acordo com a coordenadora estadual do sindicato, Alvetete Bedin, as assembleias realizadas em 30 regionais, na tarde de ontem, mostraram a força do movimento. “Teremos dados concretos na quarta-feira, mas o saldo é muito bom. Percebemos que os professores não têm dúvida da importância da greve”, disse.

ENTENDA O CASO

A cronologia da polêmica

13 mar Governo apresenta a proposta de reajuste, vigente até hoje. Todos que recebiam menos que o piso nacional, R\$ 1.451, passaram a receber o valor, que equivalia ao reajuste de 22,22%. O restante dos profissionais receberia aumento de salário parcelado, com primeira parcela, de 8%, em maio deste ano; e as demais, entre 2013 e 2014, com percentuais a serem definidos com a categoria. Os valores retroativos a janeiro e fevereiro seriam parcelados entre julho e setembro deste ano.

16 mar Professores rejeitam proposta em assembleia estadual da categoria. E aprovam greve a partir do dia 17 de abril, dia da assembleia estadual, caso o governo não apresentasse nova proposta que descompactasse a tabela salarial e garantisse o reajuste de 22,22% para todos os profissionais, sem parcelamentos.

9-13 mar Sinte e governo se reúnem para estudar uma nova proposta para a categoria.

16 abr Governo entrega nova proposta. Uma nova tabela, elaborada

Avaliação.
Sindicato dos professores só terá um levantamento de dados sobre a greve amanhã, quando espera que a adesão ao movimento chegue a 50% em todo o Estado

pelo Sinte-SC, previa reajustes com diferentes percentuais e parcelados em cinco vezes, até dezembro de 2013. Houve diminuição dos níveis, para seis – que indicam a formação do profissional – e o aumento das referências, para dez – que viabilizam a progressão salarial diante dos anos de trabalho.

17 abr Professores votam, por unanimidade, contra a proposta do governo e decidem começar a greve na educação no dia 23.

Números do governo

2,75% é a adesão do magistério

1,1 mil dos 40 mil professores estão em greve

100 escolas parcialmente paralisadas

56 escolas com conselho de classe

17 mil dos 640 mil estudantes não tiveram aula

Aula foi normal em escola do Sul da Ilha

A coordenadora da regional de Florianópolis, Rosane de Souza, contou que os professores estão animados e fortalecidos. “Tivemos a presença de alunos de diversas escolas. Muitas escolas estão sem aula. Ainda não temos os números completos, mas a única escola de Governador Celso Ramos, Doutor Aderbal Ramos da Silva, está completamente parada”, garantiu.

Os estudantes da Escola Básica Estadual Ildefonso Linhares, no bairro Carianos, no Sul da Ilha, tiveram aula normalmente ontem. As salas de aula estavam cheias e apenas uma professora, de educação física, entrou em greve. A escola conta com 45 professores e atende aproximadamente 890 alunos desde as séries iniciais do ensino fundamental até o 3º ano do ensino médio.

Segundo a assessora de direção, Solange Adão, um professor representará a escola nas assembleias promovidas pelo sindicato, mas as aulas seguem normalmente. “Os professores estão atentos às orientações e decisões do sindicato, mas acredito que todos seguirão em aula. Estamos tranquilos”, disse.



Veículo:	Diário Catarinense	
Editoria:	Editoriais	Data: 24/4/2012
Assunto:	O ciclo das greves	Pág: 16

O CICLO DAS GREVES

Limitando alguns fenômenos climáticos – como as inundações no Vale do Itajaí e as secas no Oeste –, parece que as greves do magistério público estadual também se tornaram cíclicas e, portanto, previsíveis. Ontem, teve início mais uma dessas paralisações lideradas pelo Sindicato dos Trabalhadores em Educação (Sinte), que acusa o governo de não negociar com a categoria desde julho do ano passado e de ter apresentado uma proposta sem contemplar a reivindicação salarial e outras demandas dos professores.

De sua parte, a Secretaria Estadual de Educação, que na semana passada orientou os diretores a manterem os colégios abertos e determinou o registro das faltas dos grevistas para futuros descontos, adverte que as negociações serão retomadas somente quando os professores voltarem às salas de aula. Alegações semelhantes a essas, partidas de ambos os lados, também se repetem, ad nauseam, ano após ano, greve após greve.

O governo do Estado aduz que já cumpre a lei nacional do piso salarial do magistério, que garante o reajuste ao menor salário pago aos professores, sem mencionar o imediato repasse do aumento de 22%, de uma só vez, para toda a categoria, o que implicaria um impacto de R\$ 1,9 bilhão. Lembra, também, a

No caso presente, percebe-se que ainda há um espaço amplo para a negociação. Retomá-la, em nome da formação dos nossos jovens e crianças, é um dever que se impõe.

concessão de outros benefícios, como o aumento de 100% do vale-alimentação, que passou de R\$ 6 para R\$ 12. O sindicato reivindica que o reajuste seja estendido a todos os níveis, e discorda do parcelamento do aumento. São essas as questões em cima da mesa.

Até o final da tarde de ontem, ainda não havia informações mais precisas sobre o nível de adesão da categoria ao movimento. Como quer que seja, a história se repete. E, também como sempre, resta a certeza de que a conta do imbróglio será paga pela sociedade e de que os prejudicados serão os estudantes que tiverem negado seu acesso às salas de aula, ainda que por poucos dias.

Os estudantes matriculados nas 1.112 escolas da rede estadual de ensino somam 640 mil este ano. A maioria ainda se ressentida da longa

paralisação do magistério em 2011, que afetou tanto a sua formação curricular quanto a sua autoestima, como lembrou o presidente do Conselho Estadual de Educação. As consequências do “ciclo das greves”, em boa dose, se refletem nos preocupantes resultados dos exames nacionais de avaliação do desempenho dos estudantes.

Professores devem perceber remuneração condigna e adequadas condições de trabalho. Isto sempre foi e continua a ser indiscutível. É dever de sua representação perseguir este objetivo. A greve há de ser, sempre, o último recurso, quando todos os demais meios suasórios tiverem fracassado.

No caso presente, percebe-se que ainda há um espaço amplo para a negociação. Retomá-la, em nome da formação dos nossos jovens e crianças, é um dever que se impõe, e que tem tudo a ver com o futuro coletivo.

Ademais, registre-se que, como as enchentes e as secas, cujos efeitos deletérios podem ser evitados ou controlados por obras de prevenção (barragens, cisternas, sistemas de irrigação etc), também as paralisações do magistério público podem sê-lo, com a adoção de políticas públicas que valorizem o educador e transformem a educação em prioridade. Na vida real, e não apenas nas promessas eleitoreiras, que logo se transformam em fumaça.



Veículo:	Diário Catarinense	
Editoria:	AN.joinville	Data: 24/4/2012
Assunto:	Alunos terão aula, diz Gered	Pág: 8

Greve do magistério

Alunos terão aula, diz Gered

Primeiro dia foi de pouca adesão em Joinville. Nenhuma escola ficou parada

Uma assembleia, realizada na manhã desta segunda-feira, deflagrou oficialmente o início da greve dos professores da rede estadual de ensino em Joinville. Mas a Gerência Regional de Educação (Gered) garante que nenhum aluno ficará sem aula e os estudantes devem ir para a escola, normalmente, nesta terça-feira. “Apenas 1,79% dos cerca de 2,4 mil professores de Joinville e região parou. E a gerência já se organizou para que nenhum aluno fique sem aula”, afirma a gerente regional de Educação, Heliete Steingraber.

Segundo ela, as escolas já se organizaram e aquelas turmas que ficarem sem professor vão participar de outras atividades. A gerente regional também disse que a Gered será rigorosa para exigir a reposição do conteúdo. “Há uma cobrança forte dos pais e alunos neste sentido”, disse.

O sindicato da categoria ga-

rante que a adesão ao movimento é maior do que os números da Gered. “Esse é o número de grevistas presentes na assembleia pela manhã, mas à tarde pelo menos outros professores aderiram à paralisação”, diz a diretora de finanças do Sinte, Valéria Nunes. “E a nossa expectativa é de que o movimento aumente, porque a categoria está descontente com o governo, que não vem cumprindo suas promessas”, diz.

Na maioria das escolas, a greve foi pontual. Na Jorge Lacerda, por exemplo, apenas dois professores pararam as atividades ontem, o que praticamente não alterou a rotina do estabelecimento.

Alguns pais fizeram questão de levar os alunos às escolas. A preocupação maior diz respeito ao possível comprometimento do ano letivo. “Por enquanto, disseram que as aulas continuam, normalmente, mas já estou preocupada que ela venha a perder aula e tenha que repor o conteúdo depois”, dizia Lorena de Cássia Gonçalves Corrêa, mãe da pequena Camile Cristine Constantino, de oito anos. “Espero que a greve termine logo e não afete as aulas”.

Alunos

Para demonstrar apoio à greve dos professores, cerca de 50 alu-

nos da Escola Estadual João Colino no bairro Itaum, realizaram uma manifestação durante a tarde de ontem. “Ano passado, ficamos 60 dias sem aula, depois ficamos sem férias e tivemos que ter aulas aos sábados por causa da reposição, mas sabemos que o governo não cumpriu as promessas. Por isso, entendemos os motivos da greve e estamos do lado dos professores”, disse um representante do grêmio estudantil da escola.

Com faixas e cartazes nas mãos, eles reclamavam também da demora na entrega de passes de ônibus para aqueles alunos que moram a mais de três quilômetros da escola.

No primeiro dia, números são conflitantes no Estado

Os números de adesão à greve são conflitantes. A Secretaria de Estado da Educação fala em 2,75% de docentes em greve – o que representa 1,1 mil de 40 mil educadores ativos. Por isso, o pedido é que os pais continuem enviando os filhos às escolas. O Sindicato dos Trabalhadores em Educação (Sinte) garantiu que pelo menos 40% paralisaram as atividades e que este número deve chegar a 50% hoje. O levantamento da secretaria foi feito com informações repassadas pelas 36 gerências regionais de Educação. Destas, 13 tiveram todas as escolas funcionando, como a de Blumenau. A

dos 640 mil da rede. Em 56 colégios, as aulas foram suspensas por causa do conselho de classe. Apenas uma escola parou totalmente, a José Boiteux, em Florianópolis.

Diante da baixa adesão, o secretário de Educação, Eduardo Deschamps, pediu aos pais que enviem os filhos para a escolas. “Hoje (ontem) tivemos muitos casos em que os professores estavam em sala de aula, mas os alunos não foram. Os pais devem seguir a orientação oficial dos diretores dos colégios”, ressaltou.

O secretário prefere aguardar para avaliar se a tendência da adesão ao movimento é aumentar ou

cam a ideia de que a opção pela greve foi uma decisão da minoria, que preferiu interromper as negociações. Só voltaremos a negociar quando os professores retornarem para a sala de aula”, reafirmou. Diante do impasse, a última proposta do governo, que alteraria o plano de carreira dos docentes, não seguirá para votação na Assembleia Legislativa.

A coordenadora do Sinte, Alvetete Bedin, afirmou que, num levantamento parcial, pelo menos 40% dos professores pararam as atividades. Os dados ainda estavam sendo levantados porque, de acordo com ela, muitas regionais

“As 20 assembleias regionais que fizemos tiveram ampla participação dos professores. Até quarta-feira, devemos chegar a 50% de adesão.” Em 2011, o Sinte falou em 90% de adesão logo no primeiro dia de paralisação. Par Alvetete, essa diferença entre este e o ano passado já era esperada. Ela explica que essa greve será construída e que aos poucos os professores irão aderir. Entre as regionais que tiveram maior adesão, ela destacou Chapecó, Criciúma e Florianópolis.

No maior colégio do Estado, o Instituto Estadual de Educação, no Capital, 3,5 mil estudantes ficaram




Veículo:	Notícias do Dia	
Editoria:	Paulo Alceu	Data: 24/4/2012
Assunto:	Greve	Pág: 2

Greve

Não se trata de uma queda de braço entre governo e magistério para ver quem está vencendo essa batalha da paralisação. Não há vencedores nesse embate. Na verdade, há derrotados a partir do momento em que o clima não é de normalidade, apesar de ínfimo no contexto do protesto. A divulgação de índices, tanto de um lado como do outro, na tentativa de visualizar a greve, não reflete o verdadeiro quadro da educação. A cobrança que está sendo feita concentrada no piso,

exigência legal, não alcança reivindicações muito mais amplas e emergências que ficaram na prateleira. E a greve se perdeu na imposição e falta de apoio. Educação passa, sim, por salários dignos, mas há outras necessidades em pauta. O momento não é de greve, mas de uma ampla reflexão e cobrança, trazendo a sociedade para o debate e revendo tudo que está aí. E exigindo do governo a sua parcela de responsabilidade. A greve não foi em defesa da educação. Perdeu-se...

 **As negociações com os professores encerraram por causa da greve. Mas há um ponto ainda a ser discutido: a progressão da tabela para que os professores em fim de carreira, mas com tempo de serviço. Como seria essa mudança de referência?**



Veículo:	Diário Catarinense	
Editoria:	Diário do leitor	Data: 24/4/2012
Assunto:	Professores	Pág: 40

Professores

A cada ano, vivenciamos o período de greve dos professores como uma data integrante do nosso calendário. Para este ano, o governo lança várias novidades em seu “pacote cultural”. Mas a principal atração continua sendo a justificativa ardilosa para a sociedade com os velhos argumentos. Quando teremos políticos capazes de enfrentar esse desafio com ações concretas, que viabilizem a educação, começando pelos salários e condições dignas aos professores?

Valdeci Severino

Por e-mail



Veículo:	A Notícia	
Editoria:	Cláudio Prisco	Data: 24/4/2012
Assunto:	Contraste	Pág: 18

CONTRASTE
Ao contrário dos professores, os funcionários do Judiciário estão mobilizados para o dia de paralisação, na quinta-feira.



Veículo:	Diário Catarinense	
Editoria:	Cacau Menezes	Data: 24/4/2012
Assunto:	Encrenca grande	Pág: 43

Encrenca grande

O governo do Estado conseguiu a façanha de desagradar a quatro setores fundamentais: professores, policiais civis, médicos e servidores públicos, estes dois últimos em função da mudança do plano de saúde.

E tudo leva a crer que são “imbróglis” que não vão terminar tão cedo.




Veículo:	Notícias do Dia	
Editoria:	Cidade	Data: 24/4/2012
Assunto:	Protesto no IEE pela manhã	Pág: 5

Protestos no IEE pela manhã

Greve. Grupo de alunos se une a professores na manifestação

LETÍCIA MATHIAS

leticiam@noticiasdodia.com.br

 leticiam_ND

FLORIANÓPOLIS — Nas escolas da Grande Florianópolis o clima é de indecisão. Ainda há professores que não sabem se vão aderir à greve. No IEE (Instituto Estadual de Educação), na manhã de ontem, as turmas de educação infantil e da 1ª à 4ª séries do ensino fundamental tiveram aula normalmente. Mas cerca de 20 professores, que lecionam a partir da 5ª série, se reuniram em frente ao colégio, o maior estadual de Santa Catarina, e fizeram uma manifestação, por meio de faixas e carro de som. Um grupo de alunos apoiou a causa.

A estudante Maria Paula Cabral disse que ela e mais quatro alunos passaram de sala em sala, na sexta-feira, chamando os colegas para se manifestarem também. A intenção é tentar fazer com que a greve não se estenda

como em 2011 e mostrar que os alunos também se importam. “É fácil ficar em casa, achando bom ter uma folga, mas alunos e professores estão sendo prejudicados”, afirmou Maria.

Por causa da greve, parte do IEE ficou com as aulas paralisadas. Segundo Norberto Correa, professor de história do IEE, há poucos professores que não aderiram à greve a partir da 5ª série. “Um número suficiente para inviabilizar as aulas”, comentou.

A direção da escola Henrique Stodieck, no Centro da Capital, disse que ainda não tinha o número de professores que aderiram à greve e preferiu não se manifestar. Só informou que irá aguardar as próximas assembleias e a orientação da Secretaria de Estado da Educação.

Os alunos tiveram aulas, mas não em todos os períodos. Segundo os estudantes, alguns professores faltaram e eles precisaram ficar na escola, mesmo sem aula.

Sem aulas em escola de Capoeiras

Na Escola de Educação Básica Aníbal Nunes Pires, em Capoeiras, com 1.700 alunos, apenas os professores e a direção apareceram. Na última sexta-feira, houve uma reunião de pais e professores, em que os docentes explicaram os motivos da greve. Ficou combinado que pelo menos até amanhã os 40 professores mantêm a paralisação.

O assessor da direção, Jorge Costa, conversava com os professores e anotava o nome dos ausentes para repassar à Secretaria de Educação. Segundo o professor de história Fabiano Saidelles, os pais que compareceram à reunião apoiaram a causa. Amanhã, haverá reunião interna para saber como os docentes irão proceder.






Veículo:	Jornal de Santa Catarina	
Editoria:	Geral	Data: 24/4/2012
Assunto:	Greve. Sindicato se mobiliza para aumentar a adesão	Pág: 12




Greve. Sindicato se mobiliza para aumentar a adesão

No primeiro dia de paralisação, principais escolas tiveram aula normalmente

OS NÚMEROS

Do Estado

 Professores em greve	1,1 mil de 40 mil
 Escolas em conselho de classe	56
 Regionais sem paralisação	13, de 36

 Escolas totalmente paradas	1
 Alunos atingidos	17 mil, de 640 mil
 Escolas parcialmente paradas	100

Do Sinte

No levantamento parcial, pelo menos 40% dos professores pararam

BLUMENAU - A partir de hoje, professores da rede estadual que aderiram à greve irão acompanhar representantes do Sindicato dos Trabalhadores em Educação (Sinte) de Blumenau em uma mobilização pelas 33 escolas da cidade. O grupo também deve visitar as unidades de outras oito cidades da regional.

O objetivo do trabalho é conversar com os profissionais que estão indecisos e ainda não aderiram ao movimento. Na tarde de ontem, 20 professores participaram da assembleia regional do Sinte para organizar os próximos passos da greve.

As escolas estaduais do Bairro Garcia serão as primeiras a serem visitadas pelo grupo, a partir das 8h. Para a coordenadora da Regional de Blumenau do Sinte, Silvia Betina Lindner, o começo da greve com a adesão de poucos profissionais já era esperada e a expectativa é que aumente ao longo da semana:

– Vamos fazer um trabalho de

Números da greve são conflitantes

Os números de adesão à greve dos professores da rede estadual, que começou ontem, são conflitantes. A Secretaria de Estado da Educação fala em 2,75% de docentes em greve – o que representa 1,1 mil de 40 mil educadores ativos. Por isso, o pedido é que os pais continuem enviando os filhos às escolas. Já o Sindicato dos Trabalhadores em Educação (Sinte) garantiu que pelo menos 40% paralisaram as atividades, e que este número deve chegar a 50% até

formiguinha indo de escola em escola, pois tínhamos consciência de que os professores iriam aderir aos poucos. Ainda não temos o total de professores em greve, mas amanhã (hoje), teremos um balanço.

Em Blumenau, o primeiro dia de greve teve baixa adesão. Nas escolas Hercílio Deeke, João Widemann e Pedro II, que estão entre as maiores do município, as aulas foram ministradas normalmente. De acordo com a gerente de Educação da Gerência de Blumenau, Maria Isabel Porto Paes Schulz, das 47 escolas da regional – que abrange Blumenau, Gaspar, Luis Alves, Pomerode e Ilhota – apenas 15 professores aderiram, sendo seis em Blumenau. A orientação da

O levantamento da secretaria foi feito com informações repassadas pelas 36 gerências regionais de educação. Destas, 13 tiveram todas as escolas funcionando, como a de Blumenau.

Segundo a secretaria, apenas uma escola parou totalmente, a José Boiteux, em Florianópolis. Apesar desta informação, a escola Aníbal Nunes Pires, no Bairro Capoeiras, visitada ontem pela reportagem, ficou o dia inteiro sem aulas, pela ausência de professores e alunos.

O secretário de Educação, Eduardo Deschamps, prefere aguardar para avaliar se a tendência da adesão ao movimento é aumentar ou

Secretaria de Estado de Educação é que as escolas permaneçam abertas e que se os pais mandem os filhos para a aula.

Coordenadora do Sinte acredita que greve não será longa

A professora Sandra Teresa Tolfo, da Escola Adolpho Konder, que estava no comando da greve no ano passado, avalia que muitos profissionais não aderiram à greve por medo de represália e de não conseguir vaga no próximo ano, por questões ideológicas, financeiras e para não perder as férias. A reivindicação, segundo Sandra, não é apenas para melhoria do salário, mas também

em questões estruturais, como questões dentro da sala e falta de professores no início do ano.

Para a coordenadora do Sinte mesmo que o governo não esteja disposto a negociar antes do fim da greve, os profissionais são fortes e irão até o final. Neste ano, Silvia acredita que a paralisação não será tão longa e cansativa como no ano passado, quando o movimento durou 62 dias:

– O governo precisa respeitar o aluno e valorizar o magistério público, pois a educação em Santa Catarina está um caos. Algumas escolas possuem sala de informática, mas internet não funciona, em outras bibliotecas estão inativas.

– Os números só reforçam a ideia de que a opção pela greve foi uma decisão da minoria, que preferiu interromper as negociações. Só voltaremos a negociar quando os professores retornarem para a sala de aula – reafirmou.

Maior colégio do Estado teve adesão completa de professores

A coordenadora do Sinte, Alivete Bedin, afirmou que, num levantamento parcial, pelo menos 40% dos professores pararam as atividades. Os dados ainda estavam sendo levantados, porque, de acordo com ela, muitas regionais

– As 20 assembleias regionais que fizemos tiveram ampla participação dos professores. Até quarta-feira devemos chegar a 50% de adesão.

No maior colégio do Estado, o Instituto Estadual de Educação, na Capital, 3,5 mil estudantes de anos finais dos ensinos fundamental e médio ficaram sem aulas, porque os professores entraram em greve. Nas séries iniciais, as aulas foram normais.